

O BARULHO DA FÉ

Rubem Braga

ESCREVI há tempos uma crônica me queixando de que a Igreja Batista de Ipanema, que é minha vizinha, estava perturbando o sossego dominical com um alto-falante que funcionava aos berros. O pastor Antônio Neves de Mesquita mandou-me então uma carta explicando que "o incômodo deve vir de outra fonte", uma vez que sua igreja tem apenas um amplificador para uso interno. Diz que "há diversos grupos religiosos, não batistas, aqui por perto".

Pego desculpas ao pastor Mesquita pelo meu engano e dou-lhe parabéns pela sua opinião de que "não é com gritos que se salvam as almas". O atraso com que faço esta retificação foi motivado pela minha ausência do Rio. Por sinal que, me penitenciando do falso que levantei contra os batistas de Ipanema, tenho uma queixa a fazer contra os batistas de Anchieta. Não se trata do subúrbio carioca, mas Anchieta do Espírito Santo antiga Iperoig antiga Benevente. É uma linda cidadezinha na foz de um rio com seu convento colonial onde morreu o canarino. As praias do Espírito Santo invadidas pelos ricaços de Minas estão sofrendo um surto de construções feias e irracionais, que tiram o caráter suave das antigas aldeias de pescadores. Mas Anchieta, para sua sorte, criou fama de lugar de praia ruim, de maneira que os mineiros preferiram outros lugares e a cidade embora progredindo um pouco, guarda sua suave fisionomia antiga. As velhas casas foram construídas de costas para a enseada, e seus quintais vão até à praia. São quintais antigos, com muitas árvores dominadas por imensos pés de fruta-pão e amendoejas.

Ali, na sombra, há sempre algum pescador consentando sua rede, sentado em uma canoa velha. E eu me deixei ficar a conversar com dois deles na grande paz da tardinha, quando uma voz alta se fez ouvir: era o alto-falante da igreja batista explicando o Evangelho. Não guardei o que dizia o alto-falante; mas aquela pregação ruidosa me pareceu de um definitivo mau gosto na tarde calma da velha aldeia de Iperoig. Não foi com microfones — pensei eu — que o bom Anchieta fundou esta aldeia, e a de São Paulo e ainda outras. O pior é que o alto-falante anunciava um programa diário às mesmas horas...

Católicos, e não católicos, parecem cultivar, não raro, no interior do Brasil, e até no Rio, a crença de que é aos berros que se salvam as almas. A praga dos alto-falantes é geral, e não se limita à pregação religiosa; propaganda "cívica" é feita de mistura com anúncios comerciais. As vezes há brigas de berros, cada um berrando mais alto. Conteí certa vez uma briga dessas, a que assisti em Parati. O resultado — me disseram depois — foi que no domingo seguinte os dois alto-falantes continuaram a berrar ao mesmo tempo — os dois me xingando...

DN 22. 12. 65

107